

**ISOLDA  
QUENTAL**

**E A LONGA  
JORNADA**



SILVINO BASTOS

**ISOLDA  
QUENTAL**  
E A LONGA  
JORNADA

Itabuna, Bahia 2010.



Via Litterarum  
EDITORA

Copyright © 2010, Silvino Bastos  
Todos direitos desta edição reservados à  
**VIA LITTERARUM EDITORA**  
Rua Rui Barbosa, 934 – Térreo – Centro  
Itabuna – Bahia, Brasil – 45600-220  
Tel.: (73) 4141-0748 :: vleditora@gmail.com  
www.vleditora.com.br www.quiosquecultural.com.br

### **REVISÃO**

Rita de Cássia Pedrosa Silva Bastos

### **PROJETO GRÁFICO**

Marcel Santos

### **CAPA**

Bruno Santana e Marcel Santos

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B327 Bastos, Silvino.  
Isolda Quental e a longa jornada / Silvino Bastos.  
– Itabuna : Via Litterarum, 2010.  
276p.

ISBN: 978-85-98493-76-3

1.Ficção brasileira. I. Título.

CDD – 869.93

---

Ficha catalográfica : Elisabete Passos dos Santos CRB5/533

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, total ou parcial, constitui violação da lei n. 9.610/98.

# SUMÁRIO

<b>PRÓLOGO</b> .....	7
<b>CAPÍTULO 1 - NASCIMENTO</b> .....	17
<b>CAPÍTULO 2 - FUGA</b> .....	30
<b>CAPÍTULO 3 - O SÍTIO</b> .....	43
<b>CAPÍTULO 4 - SUSPEITAS</b> .....	51
<b>CAPÍTULO 5 - PRIMEIRO ANO DE VIDA</b> .....	59
<b>CAPÍTULO 6 - OS ANOS SEGUINTE</b> .....	65
<b>CAPÍTULO 7 - UM ENCONTRO INESPERADO</b> .....	70
<b>CAPÍTULO 8 - O NONO ANIVERSÁRIO</b> .....	81
<b>CAPÍTULO 9 - O INTERCOMPUTADOR</b> .....	91
<b>CAPÍTULO 10 - CONHECENDO O iComp</b> .....	101
<b>CAPÍTULO 11 - O GRANDE TESTE</b> .....	106
<b>CAPÍTULO 12 - A LONGA JORNADA</b> .....	117
<b>CAPÍTULO 13 - RUMO A PROTÔNIA</b> .....	134
<b>CAPÍTULO 14 - UMA IMPORTANTE REVELAÇÃO</b> .....	154
<b>CAPÍTULO 15 - VISITAS</b> .....	165
<b>CAPÍTULO 16 - DE VOLTA A PROTÔNIA</b> .....	178
<b>CAPÍTULO 17 - UM BOM NEGÓCIO</b> .....	196
<b>CAPÍTULO 18 - COMPANHIA</b> .....	215
<b>CAPÍTULO 19 - PREPARATIVOS PARA A DECOLAGEM</b> .....	228
<b>CAPÍTULO 20 - A VIAGEM</b> .....	240
<b>CAPÍTULO 21 - KAAPOZ</b> .....	254
<b>CAPÍTULO 22 - O FIM DA LONGA JORNADA</b> .....	262



## PRÓLOGO

Estela Quental chegou apressada em casa naquela sexta-feira, para preparar um jantar muito especial.

Sua excitação era tanta que por estar com as mãos carregadas de sacolas de compras feitas às pressas no mercadinho do bairro, ela demorou muito para conseguir encontrar as chaves dentro de sua bolsa e abrir o portão de entrada de sua casa. O tempo passava ligeiro e ela tinha muito que fazer antes que aquela linda tarde ensolarada chegasse ao fim.

Naquela noite durante o jantar ela mostraria o resultado dos exames para Olavo. Finalmente, após diversas tentativas malsucedidas, o casal se tornaria uma família de verdade. Ela mal podia acreditar que estava grávida.

Durante o preparo daquele jantar tão especial, Estela se recordou das palavras que ouvira muitas vezes durante a sua infância, ditas por sua falecida avó:

– *“Na nossa família a gravidez tarda mas não falha!”* – dizia sua avó.

– *“Mas não espere ter mais do que uma menina!”* – arrematava a anciã – *“Tem sido assim por muitas gerações desde os tempos de minha bisavó!”*

– *“Nossa família só gera mulheres!”* – sua mãe costumava complementar as palavras da avó.

– *“Isso tudo é uma grande besteira! É uma lenda sem fundamento algum!”* – contra-argumentava o pai de Estela sempre que ouvia aquela ladainha da sogra.

Todas essas palavras ressoaram na mente de Estela como se estivessem sendo ditas naquele momento.

Entre um preparativo e outro Estela ia até a sala, enxugava cuidadosamente as suas mãos no avental bordado – um singelo presente de casamento feito por sua avó – abria a bolsa e relia atentamente o resultado positivo do exame de gravidez, recebido do laboratório de análises na manhã daquele dia. A toda hora ela queria se certificar de que realmente estava grávida.

Enquanto preparava o jantar, ela arquitetava diversas formas diferentes de como dar a grande notícia ao seu marido. Primeiro imaginou entregar-lhe o resultado do exame juntamente com a sobremesa. Depois, pensou em convidar Olavo para logo após o jantar, folhear ao seu lado algumas revistas sobre decoração e apetrechos para quartos de bebê. O resultado do exame estaria escondido nas páginas de uma das revistas.

A cada ideia que surgia, Estela imaginava uma forma ainda melhor, ficando em dúvida sobre como deveria informar ao seu marido que depois de tanto tempo de ansiedade e tantas expectativas frustradas, finalmente ele seria pai.

Anunciada por um lindo entardecer, a noite já se aproximava tingindo o horizonte de tons avermelhados e violáceos. O jantar estava pronto e Estela ainda não sabia como dar aquela notícia tão importante. Mas naquela altura dos acontecimentos havia algo mais urgente a ser feito. Em menos de uma hora Olavo deveria chegar e ela precisava estar pronta!

Estela correu para o banheiro, tomou um rápido banho e vestiu sua melhor roupa – um lindo vestido de cetim negro estampado com grandes flores coloridas com diversos tons de laranja, rosa e vermelho. Sua pele muito alva, seus olhos verdes brilhantes e seus longos cabelos castanhos contrastavam com o vestido, dando-lhe a frágil aparência de uma boneca de porcelana.

Para completar, Estela usou uma leve maquiagem apenas “para lhe dar uma cor na face”, como costumava dizer, pois ela sempre se considerava muito pálida. Depois de se arrumar, Estela preparou a mesa com muito esmero, atentando para cada detalhe. Concluído o serviço foi para a sala e lá ficou à espera de seu marido. Para passar o tempo e enfrentar a ansiedade da espera, ela folheava suas revistas sobre decoração de quartos de bebês.

O tempo passou lentamente. Quarenta, cinquenta minutos, uma hora se passara e nada do Olavo chegar. Estela já havia folheado todas as suas revistas, relido algumas reportagens sobre a primeira gravidez e não sabia mais o que fazer para conter a ansiedade de rever o seu marido e lhe contar a boa nova.

– Talvez seja o trânsito. – pensou ela ao imaginar uma razão para a demora de Olavo, que trabalhava em uma cidade vizinha e tinha que viajar mais de 100 km para chegar em casa.

Já havia se passado quase uma hora e meia quando Estela decidiu ir até a janela para tomar um pouco de ar fresco. Ao olhar para fora ela avistou um vulto que se deslocava lentamente em direção a sua casa. A fraca iluminação da rua de chão batido prejudicava a identificação da pessoa, mas aquele caminhar era bem conhecido por ela e só podia ser do seu marido.

– É ele! – disse em voz alta ao mesmo tempo em que saiu apressada de casa para encontrá-lo.

Estela correu ao encontro de Olavo abraçou-o com força e lhe deu um beijo apaixonado. Ele, apesar de estar visivelmente cansado pela dura semana de trabalho e a longa distância vencida em pé dentro de um ônibus lotado, retribuiu-lhe afetosamente o beijo e lhe deu um abraço bem apertado.

– Minha querida! – exclamou Olavo – Ainda bem que você existe para me fazer esquecer a dureza dessa vida. Não sei o que seria de mim sem você!

– Tenho uma surpresa muito especial para você! – disse Estela, deixando de lado tudo o que havia planejado – Mas primeiro você irá tomar um banho e colocar a roupa que deixei separada para você em cima da nossa cama.

– Ah! – falou ele chateado – Não me diga que teremos visita hoje.

– Bem, acho que não poderei negar isso! – falou Estela com um sorriso contido enquanto arquitetava uma nova estratégia para dar a notícia tão ensaiada.

– Puxa vida! – disse Olavo visivelmente chateado – Eu estava planejando passarmos esta noite juntos, somente nós dois, para conversarmos um pouco e esquecer essa semana que foi muito dura.

Olavo era enfermeiro plantonista e trabalhava durante toda a semana em dois hospitais, localizados na cidade vizinha. O pouco salário, o alto custo das residências na cidade vizinha e o fato de Estela só ter encontrado emprego em uma pequena escola de Ribeirão Calmo, levaram o casal a continuar a morar naquela cidadezinha, onde ambos foram criados e também onde haviam se conhecido quando ainda eram adolescentes.

Ao encontrarem uma casa com um lindo jardim e um imenso quintal, onde havia um velho poço que lhe dava um charme todo especial, decidiram ali fixar sua residência e permanecer morando naquela cidade tranquila.

Olavo e Estela costumavam passar quase todo o seu tempo livre no quintal da casa. O poço ficava seco boa parte do ano e tinha uma borda larga o suficiente para os dois se sentarem à sua volta. Ali era o lugar ideal para admirarem durante o dia a quietude do belo lago que existia ao lado de sua casa e o céu, que costumava ficar muito estrelado nas noites sem chuva.

Bastante chateado com a notícia de uma companhia inesperada, Olavo saiu do seu quarto vestido com a roupa escolhida por Estela e dirigiu-se ao sofá da sala. Sentou-se e ali ficou de cara amarrada à espera da misteriosa visita.

– Venha para a mesa, meu amor! – chamou Estela carinhosamente – O jantar está esfriando!

– Ué? Não vamos ter de esperar a tal visita?

– Bem, – respondeu ela com um sorrisinho maroto – digamos que a visita já é de casa.

– Você não quer dizer que .... – tentou adivinhar Olavo falando em tom surpreso, enquanto se sentava à mesa.

– Sim... – falou Estela com um brilho especial em seus olhos.

– Não, eu não posso acreditar...

– Meu amor, isso aconteceria mais cedo ou mais tarde.

– Mas isso tinha que acontecer logo hoje, numa sexta-feira tão bonita? – falou ele decepcionado.

– E por que não hoje, meu amor? – perguntou Estela, meio confusa com os pensamentos de seu marido.

– Tá bom! – respondeu secamente Olavo. – Quer dizer então

que a sua mãe vai passar o final de semana com a gente.

– Não! – respondeu Estela perplexa com a dedução incorreta de seu marido, mas ainda mantendo inabalável o seu sorriso – A nossa visita é outra pessoa, digamos, bem mais jovem do que minha mãe.

– Ah, não! – respondeu Olavo de forma mais seca ainda – Não posso acreditar que o seu irmãozinho adotivo veio para ficar com a gente.

– Também não! – respondeu Estela mantendo um tom de voz suave, enquanto se levantava de seu lugar à mesa e se aproximava de seu marido impaciente.

Para evitar novas deduções incorretas de Olavo, Estela o abraçou e, pegando uma das mãos de seu marido, pousou-a sobre seu ventre dizendo quase que num sussurro:

– Nossa visita está bem aqui!

– Meu amorzinho! – disse Olavo surpreso levantando-se de sua cadeira e abraçando afetuosamente a sua esposa – Não acredito que finalmente nosso filhinho está chegando.

– É! – falou Estela fazendo um beicinho ensaiado – Agora você terá companhia para as suas pescarias, mas eu vou continuar sozinha quando vocês saírem para pescar.

– De jeito nenhum! – respondeu Olavo piscando para Estela – Agora eu poderei ir pescar tranquilo pois o Olavinho lhe fará companhia.

– Puxa! Eu não havia pensado nessa hipótese. Mas, que tal se a gente jantasse agora? A gravidez está me dando uma fome daquelas. – Estela complementou sorrindo.

Os dois jantaram trocando olhares apaixonados. Enquanto segurava carinhosamente uma das mãos de sua esposa, Olavo não conseguia tirar seus olhos da barriga de Estela. A cada olhada ele imaginava seu pequeno filho correndo de um lado para outro da casa, fazendo alguma travessura ou simplesmente brincando em um canto da sala.

– Até que enfim nós seremos uma família de verdade! – pensou ele – Preciso providenciar logo uma tampa para o velho poço.

Em um pequeno posto policial, localizado a menos de dois quilômetros da casa de Olavo e Estela em uma estrada que dava acesso à pequena Ribeirão Calmo, o patrulheiro Rodrigues assumia seu turno de trabalho.

Uma estrada pouco utilizada nos finais de semana, especialmente à noite, não lhe daria muito trabalho. Na verdade, aquele era o local e o turno de trabalho preferidos de Rodrigues, pois a ampla visão para o céu estrelado, a parca iluminação e o pouco movimento da estrada lhe permitiam colocar em prática seu passatempo predileto: a Ufologia.

Rigoroso e detalhista, sempre que chegava ao posto policial, Rodrigues fazia uma inspeção minuciosa crivando de perguntas o patrulheiro que saía e verificando todos os registros feitos desde seu último plantão.

Embora soubesse de antemão que havia muito pouco ou nada a fazer durante aquele turno de trabalho, ele não se permitiria deixar de se inteirar de qualquer detalhe por menor que fosse.

– Displicência, jamais! – Era o lema particular do patrulheiro Rodrigues que amava sua profissão, a mesma de seu pai e de seu avô. – É melhor errar por excesso do que por negligência! – costumava falar para si mesmo sempre que assumia um plantão.

Após tomar ciência de toda situação e de se despedir do patrulheiro que saía, Rodrigues tirou de sua bolsa um potente par de binóculos e começou a vasculhar o céu em busca de algum sinal especial.

– Um dia eles acabarão vindo nos visitar – pensou o vigilante – e eu não serei pego de surpresa!

Nada passava despercebido por Rodrigues. A Lua, Vênus, as Três Marias na constelação de Orion, as cinco estrelas que formavam o Cruzeiro de Sul, enfim, cada um dos astros que demarcavam o firmamento era cuidadosamente inspecionado pelo patrulheiro na tentativa de encontrar alguma indicação da presença alienígena. Ele ficava horas a fio com o olhar fixo no céu e o ouvido atento ao rádio de comunicações sempre ao alcance de sua mão, que poderia indicar a qualquer momento alguma ocorrência na sua área de vigilância.

A observação celeste só era interrompida quando algum veículo passava na frente do posto policial. Quando isso acontecia, Rodrigues colocava imediatamente o par de binóculos de lado, pulava de sua cadeira e corria para identificar o condutor do veículo. Se fosse conhecido, cumprimentava o motorista e retornava para seu posto de observação. Caso fosse algum estranho, o patrulheiro sinalizava para que parasse e fazia uma inspeção geral do veículo e da documentação do motorista. Nada escapava ao olhar atento do patrulheiro.

Esse seu modo rigoroso já havia lhe rendido grandes elogios e também boas dores de cabeça pelas muitas queixas a seus superiores. Infelizmente, nem todos gostam de ter que se explicar ou mostrar seus documentos e acabam por se sentirem ofendidos quando são interpellados. Para Rodrigues, esses eram os “ossos do ofício” que precisavam ser “roídos” por quem segue o regulamento. No fundo ele sabia que estava agindo corretamente e que mesmo sem ter o reconhecimento de todos, devia continuar a agir desta forma. Esse procedimento rigoroso já havia permitido recuperar dezenas de veículos roubados, cujos ladrões tentaram passar pela estrada, a princípio deserta, que cruzava o posto de Rodrigues.

Após terminarem o jantar, Estela e Olavo foram para seu lugar predileto, o velho poço. Uma brisa fresca de abril espalhava um leve e doce aroma de jasmim no ar. A Lua Cheia iluminava todo o quintal fazendo o lago refletir um brilho prateado em sua superfície. O suave coaxar dos sapos do lago, acompanhado pelos sons de grilos, piados de corujas e um leve farfalhar da vegetação, criava um bucólico fundo musical para o casal sentado à beira do poço.

– Eu mal lhe dou a notícia de minha gravidez – falou Estela cruzando seus braços e simulando estar zangada – e você conclui que teremos um menino e já lhe dá um nome!

– Mas benzinho – contra-argumentou Olavo assumindo ares de professor – todo homem pensa em ter um primogênito e nada mais normal que ele tenha o nome do pai. Você não acha?

– Eu sempre imaginei ter um filho homem para colocar seu nome nele. Mas, – respondeu Estela olhando para seu marido com

um olhar apertado e um sorriso misterioso – e se eu lhe disser que tenho certeza de que será uma menina?

– Ah! Nesse caso nós precisaremos conversar. – respondeu Olavo fechando os olhos e abraçando carinhosamente Estela – Mas isso não é um grande problema e muito menos urgente! Afinal teremos quase nove meses para escolher o nome da nossa filhinha.

– É verdade! – disse Estela – Mas você não acha que já poderíamos ir pensando em algumas opções?

– Tá bom! – disse Olavo de olhos fechados e a cabeça encostada no ombro de Estela – Vou pensar no assunto mas eu preferiria ficar saboreando este momento. Caso tenha alguma sugestão eu lhe digo.

– Tudo bem! – disse Estela aconchegando-se nos braços de seu marido e olhando distraidamente para o alto – Realmente o céu está lindo! Especialmente aquela estrela brilhante ali bem perto da Lua.

Olavo abriu os olhos e levantou a cabeça para olhar na direção apontada por Estela. Ao avistar a “estrela” referida por sua esposa sentiu um arrepio lhe percorrer todo o corpo.

O patrulheiro Rodrigues ficou muito intrigado com um estranho brilho no céu. A princípio pareceu-lhe ser uma estrela cadente, talvez um meteorito, como tantos outros que já avistara nas noites claras de Ribeirão Calmo. O aumento constante do tamanho do corpo incandescente que não mudava de posição, mas apenas crescia visivelmente, fez seu coração disparar. A cada segundo que passava, o corpo celeste ficava maior ainda, indicando a sua trágica trajetória e rápida aproximação. Em poucos segundos tomou proporções que dispensavam o uso dos binóculos. A reação de Rodrigues foi automática. O patrulheiro pegou o microfone do seu rádio transceptor.

– SOCORRO! SOCORRO! – gritou ele, acionando desesperadamente o rádio – Posto policial 368 em perigo! Meteoro gigante caindo.....

Ao avistar aquela enorme bola de fogo vindo em sua direção, a única reação de Olavo foi levantar-se rapidamente e empurrar sua esposa para dentro do poço seco.

– Cuide bem da nossa Isolda! – foram suas últimas palavras antes de tudo arder em chamas.

Uma gigantesca bola incandescente traçou a fogo o seu curso direto rumo ao solo.

No momento do impacto uma intensa claridade tomou todo o horizonte, indicando uma explosão de grandes proporções. A dezenas de quilômetros dali um impacto surdo pode ser ouvido após um bom tempo. Era como se um gigantesco bumbo fosse tocado uma única vez. Por vários minutos um grande incêndio tomou conta de toda a paisagem e logo se reduziu a pontos espalhados pela região num raio de quase dez quilômetros. O crepitar das árvores que pegavam fogo e os fortes estouros vindos de um grande bambuzal quebravam, de vez em quando, o silêncio mortal que se seguiu à queda. Um cheiro quente e abafado de destruição dominou toda a região.



# CAPÍTULO 1

---

## NASCIMENTO

ERA 31 DE DEZEMBRO DE 2000, o último dia de um milênio muito importante para a história da humanidade. Um período marcado por fatos históricos sem precedentes.

Um milênio que se iniciou com os seres humanos isolados em algumas regiões do nosso planeta, organizados em comunidades que viviam da caça, pesca e de uma agricultura rudimentar que contava apenas com a força animal como a sua única aliada mas que terminava com a raça humana integrada em praticamente todo o planeta Terra, vivendo em cidades com dezenas de milhões de habitantes, apoiada por uma indústria capaz de produzir quase todas as suas necessidades e contando com máquinas, cuja capacidade equivalia à força de milhões de animais.

Um período de tempo em que ocorreram conquistas inimagináveis, desenvolvimentos científicos considerados impossíveis há apenas poucas décadas, muitos sucessos e algumas derrotas no combate às doenças que sempre ameaçaram a sobrevivência da raça humana e grandes revoluções políticas e tecnológicas que mudaram, de uma vez por todas, o modo de vida dos seres humanos. Um milênio em que o ser humano descobriu e dominou a energia do

átomo, pisou na Lua e despertou sua atenção para o Universo como algo a ser desbravado nos milênios seguintes.

Durante esses últimos mil anos, o ser humano evoluiu em quase todos os aspectos, mas deixou muito a desejar no seu lado social, no seu pensamento individual, como também no seu comportamento coletivo. Quanto a estes aspectos, o ser humano que testemunhava o ocaso do século XX era, em essência, o mesmo animal individualista, ganancioso, egoísta e aproveitador que vivera nos milênios anteriores. As inúmeras guerras, a fome que ainda imperava em diversos cantos do planeta, os abusos econômicos e tantas outras manifestações de poder sobre os grupos mais fracos eram testemunhos concretos da falta de evolução comportamental da raça humana.

Apesar disso, o saldo dos feitos da humanidade durante aqueles últimos mil anos era sem dúvida alguma muito positivo. Embora a raça humana ainda precisasse melhorar muito no aspecto social, as perspectivas para o próximo milênio eram bastante animadoras. Curiosamente, naquele dia tão especial, podia-se sentir no ar um sentimento comum entre os seres humanos de todo o mundo: *“Por que não aproveitar a virada do milênio para começar uma vida nova?”*

Faltavam menos de quinze minutos para a meia-noite e toda a cidade estava em polvorosa. A passagem do milênio era um evento muito especial. Único! Todos tinham plena consciência de que não viveriam tempo suficiente para presenciar outro evento semelhante àquele e pretendiam aproveitá-lo da melhor forma que pudessem.

As ruas do centro daquela gigantesca metrópole estavam lotadas de pessoas, todas à espera do grande momento, quando uma estrondosa chuva de fogos de artifício acompanhada de um show holográfico com raio laser, anunciaria a tão esperada chegada do novo milênio.

Em cada canto da cidade podia ser sentida a grande expectativa que cercava aquele momento mágico. Em todos os locais públicos havia um nítido clima de esperança. Parecia que a simples mudança na casa do milhar no calendário, traria vida nova para cada um, levando com o velho milênio todos os males que tanto afligiram as pessoas. Por algumas horas ou mesmo por apenas uns

poucos minutos, o otimismo imperava acima de todos os outros sentimentos. A alegria reinava por toda parte. As ruas, enfeitadas com milhares de lâmpadas e letreiros luminosos, indicavam que aquele *reveillon* seria muito especial.

Estranhos conversavam uns com os outros, sem nenhum preconceito, demonstrando claramente sua disposição para iniciar uma vida nova juntamente com o novo milênio que despontava. As pessoas se abraçavam nas ruas esquecendo suas diferenças sociais e antagonismos, na tentativa de se perdoarem pelas inúmeras falhas cometidas durante o milênio que ia embora. Empresários confraternizavam com guardadores de carros e ambulantes. Desconhecidos se cumprimentavam. Até mesmo os mendigos eram abraçados pelos transeuntes. As felicitações pela passagem do milênio eram trocadas entre todos. Votos sinceros de muita saúde e de uma vida melhor, embora de uma sinceridade efêmera, eram desejados aos doentes e aos menos afortunados. As desavenças, desentendimentos ideológicos, políticos e sociais, as dificuldades do dia-a-dia e tantas outras mazelas, ocorridas durante os dias do milênio que se findava, poderiam ser esquecidas pelo menos por um breve tempo.

A expectativa da chegada do novo milênio era tanta que inconscientemente todas as distâncias sociais haviam sido deixadas momentaneamente de lado. Inimigos faziam as pazes e demonstravam um arrependimento sincero pelos males causados. Casais apaixonados trocavam juras de amor que deveriam durar por todo o novo milênio. Fanáticos religiosos lideravam imensos grupos de pessoas e arrebanhavam os passantes, pregando o fim dos tempos e cobrando o arrependimento de todos.

Enfim, todas as pessoas estavam, de uma forma ou de outra, sensibilizadas com a passagem do milênio. Um sentimento comum podia ser visivelmente observado em qualquer local onde houvesse pessoas reunidas. A alegria e a esperança estavam presentes na grande maioria dos corações.

À medida que os minutos iam passando a agitação aumentava, e vez ou outra, era intensificada pelo estouro de fogos de artifício ou pelas buzinas dos carros que atravessavam as ruas em direção a alguma festa particular. Uma cantoria de despedida

do velho milênio podia ser claramente ouvida pelos becos, ruas e praças do centro daquela grande metrópole.

Até mesmo no interior do Hospital Central, cujas portas e janelas eram muito bem protegidas contra o barulho típico do centro da cidade, podia ser ouvido o som abafado de todo aquele burburinho. Ali dentro o clima eufórico pela passagem do milênio era lembrado apenas por um discreto cartaz colocado próximo a sua entrada principal, cujas inscrições diziam: “*Feliz 2001! Que o novo milênio lhe traga ALEGRIAS, PAZ e também... muita SAÚDE!*”.

No interior daquele renomado estabelecimento médico a passagem do ano estava sendo encarada de uma forma bastante reservada, conforme exigia a seriedade da situação enfrentada por seus médicos naquele momento crucial.

O Hospital Central era um estabelecimento universitário apoiado pelo governo federal e destinava-se, exclusivamente, ao estudo e tratamento de casos especiais.

Naquele momento um caso muitíssimo especial ocupava uma grande equipe de médicos. No Centro Cirúrgico nº 1, o mais bem equipado do hospital, um dedicado grupo de profissionais se esforçava para cumprir uma dura missão.

Trajando vestimentas especiais que os mantinham protegidos contra qualquer tipo de contaminação, médicos, enfermeiros e auxiliares estavam fazendo de tudo o que podiam para manter viva, pelo tempo que fosse possível, uma jovem mulher grávida que estava prestes a dar à luz. Embora a saúde da pobre mulher fosse muito precária, era extremamente importante que o parto ocorresse de forma natural. Para isso, a mãe deveria ser mantida viva. A hipótese de cirurgia para a retirada do bebê fora descartada por colocar em risco a vida da criança que estava para nascer.

O corpo cadavérico, praticamente pele e osso, destacava apenas um pequeno volume na altura do abdômen – a barriga com a criança por nascer. O rosto encovado, protuberante em decorrência dos ossos da face que moldavam a fina pele macerada pela doença, ainda guardava resquícios da beleza jovial de Estela. A degradação da saúde da parturiente havia acelerado tanto nos últimos dias que a tornava irreconhecível, mesmo por quem a tivesse conhecido poucas

semanas antes. A possível exposição a uma radiação desconhecida, meses atrás, era uma das hipóteses mais aceitas para justificar a degradação acelerada do corpo da paciente.

Cada minuto a mais que se conseguia manter viva aquela pobre gestante era considerado um verdadeiro milagre, pois seu estado de saúde piorava a cada segundo. Embora apresentasse um leve estado de consciência, a mulher também lutava para se manter viva até o seu grande momento. Os médicos estavam cientes daquele esforço sobrenatural da mulher e faziam todo o possível para não perdê-la, pelo menos até o nascimento da criança. O tempo parecia caminhar lentamente dentro daquela sala repleta de médicos, instrumentadores, enfermeiros e uma grande quantidade de equipamentos eletrônicos usados para monitorar e ajudar a manter a frágil vida daquela jovem parturiente.

À frente da equipe estava o Dr. Alberto Farias Solimões, um médico cinquentão que com sua vastíssima experiência liderava todos os outros profissionais que ali se ajudavam para atingir o objetivo comum. Os gestos calculados, acompanhados de palavras muito bem selecionadas, mantinham a aparência externa de uma pessoa calma e bastante segura de seus atos e decisões. Essa imagem era fundamental para manter a tranquilidade e a confiança de toda a equipe. O fato desse mesmo médico ter acompanhado a paciente desde a sua chegada ao hospital, ainda no início da gravidez e ter cultivado com ela um forte elo de amizade, fazia dele uma pessoa muito importante para liderar toda a equipe naquele momento dramático.

As estranhas condições em que a paciente fora internada quase oito meses antes, faziam daquele parto um evento muito especial. A criança que estava para nascer ocuparia naturalmente o lugar da mãe, como objeto das pesquisas e investigações que estavam sendo conduzidas pelas autoridades federais. Um grande mistério pairava sobre aquela jovem paciente.

– Doutor Alberto, eu não acredito que a paciente conseguirá permanecer estável por muito tempo. – disse um jovem residente que, além de atrapalhado com o incômodo traje, estava muito nervoso com o primeiro caso grave que acompanhava.

– Fique tranquilo, meu jovem! – respondeu calma e firmemente

o experiente médico – Já vi casos bem piores que tiveram um desenlace feliz. Vamos fazer o que estiver ao nosso alcance e confiar na vontade de Deus.

– Mas será que estamos realmente fazendo tudo o que podemos? – perguntou um outro residente tão inexperiente quanto o primeiro e que também acompanhava um caso extremamente grave pela primeira vez.

– A paciente está sendo assistida pelos melhores e mais experientes profissionais disponíveis no nosso país. – Dr. Alberto falou – Os recursos mais modernos que a Medicina dispõe foram colocados nesta sala para apoiá-la. Posso lhes assegurar que tudo que podemos fazer já está sendo feito!

– Mas doutor, porque não fazemos uma cesárea e resolvemos de vez o problema da criança? – insistiu o primeiro residente.

– Este caso é bem mais complexo do que vocês podem supor! – interveio Dr. Carlos, outro médico que também acompanhava o caso – A realização de uma cirurgia deste tipo nas condições em que se encontra a paciente exigiria uma série de preparativos, impraticáveis para o seu estado de saúde. Além disso, ela já entrou em trabalho de parto, o que impede tal procedimento.

– A criança está nascendo! – exclamou Dr. Paulo, o obstetra da equipe.

Poucos instantes depois um alto e sonoro choro de bebê foi ouvido no Centro Cirúrgico, ao mesmo tempo em que se podia ouvir bem ao longe, o som abafado do estouro de fogos de artifício, anunciando a chegada do novo milênio. Um certo alívio pode ser sentido por todos os presentes, que esboçaram um leve sorriso pela vitória alcançada.

Antes que fossem iniciados os procedimentos de limpeza e assepsia da criança, a jovem mãe reuniu as poucas forças que ainda lhe restavam e deu sinais de querer falar algo.

– Fique tranquila! – disse o primeiro residente meio sem jeito pegando na mão da jovem mulher, na tentativa de confortá-la – É uma menina linda!

– Pa-parabéns, mamãe! – arriscou o segundo residente, sem saber ao certo se deveria falar alguma coisa naquele momento.

– Dei...xe-me..... vê-la. – sussurrou a moribunda.

– Aqui está! – disse Dr. Edson, o pediatra da equipe, segurando firmemente a recém-nascida que chorava bastante, enquanto a colocava bem próximo ao rosto da paciente – Você pode ver que é uma menina muito saudável.

Assim que foi colocado próximo de sua mãe o bebê olhou para o rosto materno e misteriosamente parou de chorar e esboçou um largo sorriso, como se realmente a tivesse reconhecido.

– I...sol...da! – a mulher sussurrou com muita dificuldade, reunindo as poucas forças que ainda lhe restavam – Seu... nome... será... Isolda... Quental!

O sorriso da criança ficou mais visível ainda quando ela ouviu a voz fraca da sua mãe. Os médicos admiraram tal comportamento, mesmo acreditando tratar-se de mera coincidência. Afinal de contas uma criança recém-nascida não teria nenhuma condição de compreender o que se passava à sua volta. – acreditavam eles.

Dr. Alberto Solimões aproximou-se, colocou uma de suas mãos sobre a cabeça da paciente. Fitando os olhos da jovem mãe, o médico forçou um leve sorriso.

– Fique tranquila! – sussurrou o médico, ao pegar a recém-nascida e mantê-la bem próxima ao rosto de sua mãe – Está tudo arranjado! Tudo dará certo!

– Deus... lhe... pague, doutor! – a moribunda respondeu pausadamente, respirando com muita dificuldade – Eu... lhe serei... eternamente... grata.

Fazendo um esforço sobrenatural, a mãe levantou seu braço direito. Com o dedo indicador bastante trêmulo tocou carinhosamente a testa da recém-nascida. A criança parou de sorrir e fechou seus olhinhos, como que se estivesse entendendo a importância daquele momento e se preparasse para o que aconteceria logo em seguida.

– Agora...está...com você! – a mãe deu um fraco suspiro e morreu logo em seguida. Seu braço caiu duramente sobre a mesa cirúrgica, causando um som metálico seco que ecoou pelas paredes esterilizadas do Centro Cirúrgico nº 1.

O bebê começou a chorar, dando a todos os presentes, mais

uma vez, a impressão de que havia realmente entendido o que estava acontecendo.

O choro foi imediatamente abafado pelo som contínuo e estridente do monitor cardíaco. Dr. Alberto se afastou com o bebê em seus braços, abrindo espaço para que três médicos tentassem todos os recursos disponíveis para reanimar a falecida. Infelizmente foi tudo em vão! Nada conseguia reverter o seu estado e trazê-la de volta.

Ao constatarem a falta de reação da falecida, os residentes entraram em pânico. A respiração acelerada pelo impacto daquela cena forte fez com que as máscaras de seus trajes ficassem visivelmente embaçadas, dificultando por alguns instantes a identificação de seus rostos apavorados. Sem saber o que fazer naquele momento, os dois ficaram amontoados em um canto do Centro Cirúrgico assistindo, desesperados, as tentativas malsucedidas de ressuscitar Estela.

O estado de saúde muito precário, que levava ao óbito a jovem paciente, fez com que as tentativas de reanimá-la não fossem mantidas por muito tempo.

– Calma, rapazes! – Dr. Alberto exclamou de forma bastante firme, passando a recém-nascida para as mãos de uma enfermeira e encarregando-a de fazer a assepsia da criança – Está tudo bem! Todos nós já sabíamos que isso aconteceria mais cedo ou mais tarde. A pobre mulher cumpriu seu papel de mãe e tenho a mais absoluta certeza de que morreu feliz.

– Agora – continuou o médico – só nos resta cumprir os procedimentos pré-estabelecidos de encapsulamento do corpo para evitar qualquer tipo de contaminação. Depois de lacrado, o corpo deverá ser encaminhado ao crematório imediatamente, para que possa ser destruído com segurança.

– Perfeitamente, doutor! – respondeu um dos enfermeiros – Já providenciamos o invólucro metálico para o isolamento do corpo. Todo o processo de destruição estará concluído em menos de duas horas.

– Desculpe-me doutor! – disse bastante indignado um dos residentes – O senhor não acha muita frieza da sua parte? A coitada acabou de morrer e o senhor não demonstra um pingo de sentimento?

– Nada do que eu disse foi falado com indiferença ou prazer! – respondeu o médico de forma seca, olhando nos olhos assustados do residente – Entendo o que vocês estão sentindo pois quando comecei minha carreira também passei por momentos iguais a este. O correto exercício da medicina exige frieza para que não sejamos dominados pela emoção. Mas isso não significa que eu esteja indiferente a tudo o que ocorreu nesta sala no dia de hoje. Eu apenas aprendi a controlar meus sentimentos. Para que vocês possam tomar as decisões corretas também precisarão aprender a fazer a mesma coisa.

– Assim, – Dr. Alberto continuou o seu “sermão” – é fundamental que não esqueçamos o nosso juramento e façamos o que precisa ser feito! O confinamento e a destruição do corpo devem ser providenciados o mais rápido possível, para que não tenhamos nenhum tipo de contaminação. Não sabemos que tipo de problemas poderemos ter se a radiação deste corpo se espalhar para fora desta sala.

– Agora se vocês me dão licença.... – o médico parou de falar de repente e se retirou do Centro Cirúrgico.

Após passar por um compartimento de descontaminação onde foi submetido a uma ducha de alta pressão por vários minutos, Dr. Alberto retirou seu traje de isolamento ainda molhado, jogou-o em um cesto apropriado e saiu às pressas, dirigindo-se a um lavatório próximo dali.

Ao entrar e certificar-se de que não havia mais ninguém no interior daquele local, ele trancou a porta, recostou-se em uma das paredes e deixou-se deslizar lentamente até o chão, desabando em prantos. Sentado no chão com seus braços apoiados nos joelhos dobrados e as mãos sobre seu rosto marcado pelo sofrimento contido, o médico chorou tanto quanto uma criança desamparada. Ele estava muito abalado com a perda de uma pessoa tão querida. Se pudesse ser medida, a sua dor era tanta quanto a que sentiu com a perda de sua esposa, com quem vivera um casamento feliz por mais de trinta anos.

Alberto tinha boas razões para se sentir daquele jeito, pois vinha acompanhando a jovem Estela Quental por quase oito meses,

desde o primeiro dia em que ela chegara ao hospital. Durante esse período, os dois desenvolveram uma profunda amizade e o médico passou a tratar sua paciente como uma filha. Quando soube da gravidez de Estela, ele passou a considerar a criança como a sua futura “netinha”, já que sua falecida mulher nunca conseguira lhe dar filhos.

Daquele momento em diante, Alberto deveria cuidar sozinho de sua “neta”.

Depois de chorar muito e por um tempo considerável, o médico levantou-se, lavou o seu rosto e penteou os cabelos grisalhos desgrenhados, na tentativa de melhorar sua aparência e não permitir que os outros notassem seu profundo pesar pela morte de uma grande amiga.

– Tenho agora uma importante missão a cumprir! – disse para si mesmo fitando-se no espelho ao ajeitar seus cabelos. – Preciso ir até meu consultório e preencher o maldito prontuário!

Na Sala de Assepsia, que ficava próximo dali, a criança não parava de chorar. Não era um choro típico de uma criança recém-nascida mas um choro de alguém que se sentia profundamente desamparado. Era um choro sentido, de uma pessoa que acabara de perder o que de mais precioso possuía na vida.

Vestida com um traje de isolamento, a enfermeira que fazia a assepsia do bebê começou a conversar com a criança na tentativa de distraí-la e fazê-la parar de chorar.

– Menina bonita por que você chora tanto? – perguntou a enfermeira, com a voz abafada pelo traje – Sua mãe não gostaria de vê-la chorando desse jeito.

Ao ouvir as palavras da enfermeira referindo-se a sua mãe, a criança diminuiu curiosamente o seu choro, passando apenas a soluçar. Parecia que a recém-nascida estava entendendo o que ela lhe dizia.

– Agora que parou de chorar, – disse a enfermeira olhando mais atentamente o rosto da criança – posso ver que você é muito bonita. Tenho certeza de que encontraremos alguém que irá cuidar muito bem de você.

Essas últimas palavras provocaram um leve sorriso na criança. A enfermeira achou que era só impressão sua, mas não se furtou de

comentar o fato com o Dr. Alberto que acabara de entrar na sala, também trajando uma vestimenta especial.

– Doutor, talvez eu esteja enganada ou apenas cansada depois de toda essa tensão, mas tenho a impressão de que essa criança compreende tudo o que eu falo com ela. – disse a enfermeira duvidando de suas próprias palavras.

– Isso é impossível! – respondeu o médico de forma seca – Você está apenas cansada. Aliás, todos nós estamos muito cansados.

– Diga-me uma coisa... – continuou Dr. Alberto, após respirar fundo para organizar seus pensamentos – Como está a criança? Você já realizou todos os procedimentos?

– Sim, doutor. – respondeu a enfermeira – A criança é saudável e perfeita. Agora só falta colocar a pulseira de identificação.

– Tudo bem! Então acabe logo com isso, – falou o médico, forçando um sorriso para a enfermeira – que eu me encarrego de levar a criança para o berçário da quarentena.

Cumprindo a rotina do Hospital Central, a enfermeira anotou as iniciais da criança, começando pelo sobrenome e depois o nome, seguido do ano de nascimento em um pequeno bracelete plástico e o colocou no pulso direito do bebê.

– QI 2001! – a enfermeira sussurrou para a criança – Você me parece ser tão inteligente que talvez o seu QI seja realmente alto assim.

A enfermeira teve a impressão de ter visto um leve sorriso no rosto da criança. Mas logo se convenceu de que se tratava de mais uma ilusão.

Ela envolveu o bebê com uma manta e o colocou em um invólucro especial apropriado para evitar qualquer tipo de contaminação. Após fechá-lo cuidadosamente, ela entregou o invólucro especial para o Dr. Alberto, que se encarregou da guarda da criança. Segurando firmemente o invólucro, o médico dirigiu-se para a porta de saída da Sala de Assepsia.

– Faça-me um favor, – disse o médico antes de sair – entregue à Supervisora do Plantão o prontuário que está no escaninho da entrada da Sala de Assepsia.

– Pois não, doutor Alberto. – respondeu a enfermeira confirmando positivamente com a cabeça.

– Obrigado! – respondeu o médico ao sair ao mesmo tempo em que esboçava um sorriso cansado que amenizou um pouco as rugas e olheiras que tomavam conta de seu rosto sofrido.

Após cumprir o procedimento de desinfecção e se livrar de seu traje de isolamento, a enfermeira levou o prontuário até a Sala do Pessoal de Plantão e o entregou à Supervisora, que abriu a pasta e conferiu as informações:

**GOVERNO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA SAÚDE**

**Hospital Central “MANOEL DIAS DE ABREU”**

**PRONTUÁRIO MÉDICO**

**DATA:** 01/jan/2001 – 00h47min

**Registro nº** 20010101-QE      **Paciente:** *Quental, Estela*

**Médico Responsável:** *Dr. Alberto F. Solimões*

*Paciente faleceu em virtude de infecção generalizada por falência múltipla dos órgãos causada por exposição excessiva a radiação desconhecida. Feto perdido durante cirurgia de metrotomia. (Assinaturas da equipe no verso e Atestados de Óbito anexos)*

**Observações:** 1. *Em face do elevado risco de contaminação, foram providenciados o isolamento e a destruição imediata dos corpos da paciente e do neomorto.*

2. *A existência de avarias no equipamento áudio-visual do Centro Cirúrgico nº 1 impediu a filmagem dos procedimentos.*

3. *O Centro Cirúrgico nº 1 deverá ser completamente isolado e sofrer desinfecção*

*total (nível V). Manter o local em quarentena, até que seja confirmada a sua descontaminação total por equipe especializada. Recomenda-se varredura de todo o espectro de radiação para comprovar o sucesso da desinfecção da sala.*

## CAPÍTULO 2

---

### FUGA

O INVÓLUCRO ESPECIAL TINHA A APARÊNCIA de uma cesta de piquenique futurista. Era todo fabricado em fibra de carbono, que o tornava extremamente leve. Revestido internamente com uma camada de material absorvedor e hermeticamente fechado evitava que qualquer tipo de radiação ou de gases que fossem emitidos ou emanados pela recém-nascida pudesse causar a contaminação do ambiente externo. Nada entrava e nada saía do invólucro especial, cujo interior continha um compacto sistema de oxigênio que possibilitava a respiração da criança por um período de até uma hora. O invólucro possuía uma minúscula janela fabricada em policarbonato, que permitia a visualização do seu interior. O contato visual através da pequena janela era a única forma de se saber como estava a recém-nascida depois dela ter sido isolada do mundo exterior.

Como não se sabia ao certo o que havia acontecido com Estela e o seu estado físico ter apresentado uma estranha degradação no final da gravidez, suspeitou-se que ela talvez estivesse sofrendo os efeitos causados por algum tipo de radiação. Por prevenção decidiu-se mantê-la isolada nos dois últimos meses de gravidez, embora nenhuma radiação conhecida tivesse sido detectada. Achou-se melhor então, adotar o mesmo procedimento com o seu bebê.

Carregando cuidadosamente a recém-nascida dentro do invólucro especial, o médico seguiu por um longo corredor, onde ficavam as saídas para a parte de trás do hospital que davam acesso ao estacionamento externo. Ele havia se informado previamente de que as câmeras de segurança daquele setor do hospital estavam desativadas para manutenção.

Ao chegar no pátio do estacionamento externo, Alberto precisaria enfrentar seu primeiro obstáculo. O pátio estava quase que totalmente vazio, mas perfeitamente iluminado, o que faria com que qualquer movimentação poderia ser facilmente detectada e registrada pelas diversas câmeras de segurança do estacionamento. O médico respirou fundo, contou de um a três e iniciou sua caminhada rumo ao seu carro, arriscando-se a correr o risco de ser filmado saindo do hospital com o bebê.

Misteriosamente, assim que ele deu o primeiro passo em direção ao seu carro todas as luzes do estacionamento se apagaram, subitamente. Mesmo sem entender o que havia acontecido, Alberto decidiu aproveitar a oportunidade e correu o mais que pode para seu carro, que estava bem próximo da porta dos fundos do hospital. Bastaram cinco passos para chegar ao carro. O médico abriu a porta do motorista, passou o invólucro para o banco do carona e fechou sua porta. Depois de entrar no veículo, prendeu o invólucro cuidadosamente com o cinto de segurança e usou seu jaleco de médico para cobri-lo.

Assim que Alberto ligou o motor do seu carro, as luzes voltaram iluminando todo o estacionamento e ofuscando os olhos cansados do médico, que já haviam se acostumado com a repentina escuridão. Agradecido por aquele momento de sorte, ele saiu lentamente com seu carro, olhando de um lado a outro diversas vezes, para certificar-se de que não havia mais ninguém. Estranhamente, enquanto passava pela guarita de segurança na saída do estacionamento, que deveria estar vazia naquela hora do dia, ele teve uma estranha impressão. Ao virar o rosto de um lado para outro para verificar se vinha algum carro pela rua, Alberto teve a impressão de ter visto alguém de baixa estatura, parado em frente à guarita do estacionamento. Ao voltar seu rosto e olhar

atentamente para o local, não encontrou ninguém.

– Talvez eu esteja muito mais cansado do que imagino. – falou consigo mesmo – Até vultos eu comecei a ver.

Concentrando-se no que teria que fazer dali pra frente, o médico seguiu pelas ruas abarrotadas de pessoas, dirigindo o mais tranquilamente que conseguia. Uma leve tremedeira tomou conta de suas mãos. O pior já deveria ter passado e seu corpo agora se dava ao luxo de tentar se recuperar do estresse das últimas horas.

– Você não terá o mesmo destino cruel de sua mãe! – o médico falou em tom paternal, voltando-se para o invólucro onde a criança dormia.

Atravessando cautelosamente pelas ruas apinhadas de pessoas que comemoravam a chegada do ano novo, Alberto procurava passar pelos locais menos concorridos, que pudessem facilitar a sua fuga e chamar menos atenção.

Após rodar muitos quarteirões até afastar-se consideravelmente do centro da cidade, o médico parou seu carro em uma avenida da zona industrial da cidade, que àquela hora encontrava-se completamente deserta. O médico estacionou o carro junto à calçada, abriu a porta, saiu e foi até o lado do carona. Abriu a porta, destravou e abriu o invólucro especial, retirou a criança e a acomodou, carinhosamente, em um cesto que estava preso no banco de trás. Assegurando-se de que a criança estava bem acomodada e em total segurança, ele guardou o invólucro no porta-malas, cobriu-o com uma lona preta que já estava ali para esse fim, e continuou a dirigir calmamente o seu carro rumo à saída da cidade. Enquanto dava prosseguimento a sua fuga, Alberto relembrava o tempo passado com Estela.

Mesmo depois de todos aqueles meses de angústia e muito sofrimento, Alberto ainda podia se lembrar nos mínimos detalhes, da noite em que ela chegara ao hospital trajando um lindo vestido de cetim negro, completamente sujo de lama e fuligem, com algumas partes descosturadas. Pequenas marcas de queimaduras, alguns hematomas e escoriações em seu corpo, muito alvo e também muito sujo, davam algumas indicações dos maus bocados passados pela jovem mulher. Seu estado geral, além do cabelo longo

e desgrenhado que escondia o seu lindo rosto, emprestavam-lhe a impressão de se tratar de uma louca, ou talvez, de uma fugitiva. Mas sua história era bem diferente do que aquela estranha aparência poderia sugerir. Ela era a única sobrevivente de uma terrível e inusitada catástrofe ocorrida na noite anterior, em uma pequena cidade do interior do estado.

A queda de um imenso meteoro em Ribeirão Calmo, uma pequena cidade tipicamente agrícola, localizada a mais de 500 km da capital, destruiu quase todas as construções lá existentes. Uma misteriosa radiação emitida pela rocha alienígena acabou com todos os seres vivos em um raio de mais de 20 quilômetros. Todas as pessoas, animais e plantas desapareceram por completo, sem deixar nenhum vestígio. Até mesmo o próprio meteoro se desintegrou sem deixar um só resíduo. A longa trilha com mais de um quilômetro e meio de comprimento e dez metros de profundidade, que terminava em uma imensa cratera, era a única prova material do que havia acontecido. Apenas uma única sobrevivente saiu praticamente ilesa de toda aquela calamidade.

Encontrada caída perto dos escombros calcinados de sua casa no final da tarde seguinte à noite do acidente, Estela foi imediatamente levada para a capital e internada no Hospital Central, o melhor e mais bem equipado estabelecimento médico do país. Felizmente uma força-tarefa de resgate aéreo havia sido acionada, ainda na noite anterior, graças a um estranho pedido de socorro feito por um patrulheiro rodoviário que também havia desaparecido no acidente.

No Hospital Central, Estela seria submetida a uma longa bateria de exames. Além de conhecer melhor seu estado de saúde, pretendia-se também descobrir o que teria acontecido aos demais habitantes daquela pequena cidade e as razões que levaram Estela a ser a única sobrevivente daquela misteriosa catástrofe.

Depois de uma longa quarentena, para assegurar que ela não colocaria outras pessoas em risco, Estela foi levada para um quarto do hospital onde passou seus últimos meses de vida. Embora o quarto fosse razoavelmente espaçoso e até contasse com uma pequena varanda, onde era possível se tomar Sol, a jovem Estela

raramente via a luz do dia e preferia ficar confinada em seu aposento, entretida com as atividades ocupacionais proporcionadas pelo Serviço Assistencial do hospital. A atividade que mais distraía Estela era a confecção de estatuetas e peças em gesso.

Alberto a visitava quase todos os dias. Muitas vezes o médico chegava pela manhã, e a duras penas, convencia Estela a ficar com ele na varanda para um breve banho de Sol.

– Fará bem ao bebê! – ele costumava argumentar para a jovem gestante.

Com o passar do tempo, uma sólida e profunda amizade se desenvolveu entre o médico e a paciente.

Desde a sua chegada ao hospital, Estela se mostrou uma pessoa muito especial. Não só por ser a única sobrevivente daquele estranho acidente, mas por ser dotada de uma inteligência muito acima dos padrões normais. Não havia pergunta que ficasse sem resposta para aquela humilde professora do interior. Contudo, quando era questionada sobre o que havia acontecido em sua cidade, ela sempre respondia de modo vago ou dava explicações inaceitáveis para os membros da comunidade científica que a interrogava quase que diariamente.

– Foram os *visitantes!* – respondia ela, algumas vezes.

– Foi uma visita inesperada dos *nostros irmãos extra-geográficos!* – era outra resposta dada pela jovem grávida.

A equipe de céticos que rotineiramente a questionava jamais aceitaria uma hipótese dessas e, em pouco tempo, a considerou uma pessoa cujo juízo não era normal. A partir daí, a jovem professora do interior passou a ser uma mera cobaia nas mãos dos cientistas, que sempre inventavam novos testes para tentar obter uma resposta que lhes agradasse.

Durante todo esse tempo somente Alberto fora seu único e verdadeiro amigo, ouvindo pacientemente suas explicações sobre o que realmente havia acontecido com todos os seres vivos em sua cidade. Orientada por Alberto, Estela deixou de insistir com as outras pessoas para que acreditassem em sua história. Era melhor que elas acreditassem naquilo que desejavam pois a verdade estava além da compreensão delas.

A amizade cultivada entre o médico e a sua paciente foi tanta que Estela decidiu dar-lhe um presente muito especial. Ela passou quase três meses envolvida na elaboração de uma réplica da primeira versão do famoso “*O Pensador*” de *Auguste Rodin*. Uma estatueta de 70 cm de altura criada pelo escultor para compor o “*Portal do Inferno*” e que representaria *Dante Alighieri*, o autor da peça “*A Divina Comédia*”.

– Este é um presente para um amigo muito especial. – ela costumava dizer todas as vezes que Alberto questionava para quem ela estava confeccionando aquela pequena obra de arte.

Quando a estátua ficou pronta, ela presenteou o médico dando um estalado beijo na sua bochecha. Estela explicou a Alberto que faltava ainda o local onde “*O Pensador*” deveria ficar apoiado. Essa peça complementar seria confeccionada mais tarde.

Ao final de seu penúltimo mês de gravidez, já com a saúde muito debilitada e também confinada em uma cela à prova de radiação, Estela conseguira concluir a peça faltante.

Diferentemente do apoio da obra original, que não tem uma forma definida e mais se parece com uma pedra, Estela confeccionou uma pequena coluna grega com cerca de noventa centímetros de altura, também feita em gesso, sobre a qual seu “*O Pensador*” deveria ficar “sentado”.

Para evitar qualquer tipo de contaminação, Estela utilizou um traje especial enquanto confeccionava a coluna. A peça foi entregue ao médico juntamente com um envelope fechado.

– Doutor Alberto, este é o seu presente de Natal! – disse a grávida de forma pausada, respirando com certa dificuldade – Aceite-o como uma prova de amizade com o meu sincero agradecimento por tudo que o senhor já fez e pelo muito que ainda fará!

– Mas ainda falta quase um mês para o Natal! – respondeu Alberto – Por que essa pressa?

– Doutor, o meu estado de saúde está piorando muito a cada dia que passa e eu não sei se estarei em condições de lhe agradecer no dia do Natal. Por isso, aceite este pequeno presente pois ele é dado de coração. Eu não sei o que seria de mim ou nem que será de minha filhinha sem o senhor.

– Vocês merecem muito mais! – disse o médico encabulado – Eu só estou cumprindo a minha obrigação de médico.

– Mais do que médico o senhor é um verdadeiro amigo! – complementou a jovem grávida falando bem devagar, entre períodos de pausa para tomar fôlego – Aliás, o meu único amigo desde que coloquei meus pés neste hospital.

Tentando esconder sua emoção, o médico começou a pigarrear e a coçar os olhos simulando estar com uma possível irritação, na tentativa de justificar as lágrimas que brotaram de seus olhos.

– Doutor, use esta coluna para apoiar o outro presente. Mas eu ainda gostaria de lhe pedir mais um grande favor.

– Pois não? – disse o médico enquanto secava seus olhos com um lenço.

– Eu gostaria de lhe pedir para guardar este envelope e só abri-lo no Natal de 2009.

– Puxa vida! – exclamou o médico surpreso – Eu lhe prometo que vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance, mas não sei se conseguirei me manter vivo até lá.

– Tenho certeza de que o senhor vai conseguir! – respondeu Estela com um sorriso cansado.

– Deus lhe ouça! – respondeu o médico retribuindo o sorriso dela, mas um tanto quanto confuso com o rumo daquela estranha conversa.

Os pensamentos de Alberto foram interrompidos pela sirene de uma moto policial que o fez parar o veículo imediatamente. Assim que ele estacionou o carro junto à calçada, a moto parou bem ao seu lado, impedindo-o de abrir a porta para sair do carro.

– Boa noite! – exclamou o policial, que estava acompanhado de um carro com mais outros dois policiais, ambos de arma em punho – Desligue seu carro, apresente seus documentos e mantenha suas mãos sobre o volante em local bem visível.

Assustado com aquela abordagem repentina, imaginando que alguém já tivesse dado falta da criança, Alberto tentou manter a calma. Pegou no bolso de sua camisa o seu crachá de médico e o entregou ao policial:

– Senhor policial, – disse o médico tentando controlar sua voz, mas com as mãos visivelmente trêmulas – sou médico do Hospital

Central e acabei de sair de uma cirurgia muito delicada. Meus documentos estão na minha valise no porta-malas. Caso o senhor deseje, eu poderei pegá-lo para lhe mostrar.

– Aguarde um instante! – disse o policial, rispidamente, ao pegar o crachá do médico, saindo de sua moto e se dirigindo ao veículo, onde os demais policiais não tiravam os olhos de Alberto e mantinham suas armas apontadas para o carro do médico.

Diante daquele cenário, Alberto já se considerava preso. Ficou pensando onde ele teria falhado. Qual teria sido o erro cometido. Milhares de dúvidas assolaram a mente do médico que só conseguia pensar agora na sua prisão.

– Ainda bem que Estela não está aqui para ver o meu fracasso. – lamentou-se o médico.

Enquanto um dos policiais no carro mantinha seu olhar fixo em Alberto e a arma apontada, o outro conversava com o policial da moto e digitava algumas informações em um teclado existente no painel do veículo. Enquanto esperava a decisão do policial, Alberto tentava se consolar com sua tentativa frustrada de fuga e imaginava o que aconteceria dali em diante. A perspectiva da criança se tornar uma nova cobaia no Hospital Central era o que mais afligia o médico.

– Falhei! Falhei! Falhei! – pensava.

– Boa noite, Dr. Alberto! – a aproximação de um dos policiais do carro interrompeu os pensamentos do médico – O Sr. nos perdoe por essa súbita abordagem. Estamos procurando um suspeito de atropelamento. Alguém, cujo carro é muito parecido com o seu, atropelou três pessoas que comemoravam a passagem do ano no centro da cidade e se evadiu do local sem prestar o devido socorro. Segundo testemunhas, o motorista infrator estaria armado e muito provavelmente estava fugindo de um assalto frustrado, daí a nossa cautela ao abordá-lo.

– Tentamos confirmar a placa, – disse o policial da moto ao se aproximar – mas o número informado não estava completo. Por isso demoramos um pouco para concluirmos que se trata de outra pessoa. O senhor nos perdoe pelo tratamento que lhe dispensamos, mas era necessário devido aos fatos.

– Um feliz ano novo para o senhor e bom descanso! – gritou o outro policial que antes lhe apontava uma arma de dentro da viatura policial.

– Tudo bem! – o médico respondeu – Um feliz ano novo e bom serviço para todos vocês.

Aliviado com o susto, Alberto ligou o motor e saiu vagarosamente com seu carro, acenando para os policiais que continuaram parados no local da abordagem.

Seguindo seu trajeto o médico dirigiu seu carro rumo à saída da cidade. Alguns quilômetros depois ele alcançou uma das muitas estradas que ligavam a capital às cidades do interior do estado.

Meia hora mais tarde ele encontrou o que procurava. A visão do letreiro néon, indicava a entrada do pequeno e modesto hotel onde o médico e a criança passariam o resto da madrugada.

Aquele era um dos raros estabelecimentos próximos à cidade, em que não havia festas de comemoração pela passagem do ano. Ali seria o lugar ideal para descansar um pouco e rever os próximos passos – imaginou o médico.

Depois de estacionar o carro e certificar-se de que a criança ainda estava dormindo, o médico dirigiu-se à recepção do hotel, registrou-se com um nome falso, declarou estar só e pegou a chave do quarto previamente reservado.

O gerente do hotel, sem nada entender, aceitou de bom grado a reserva com pagamento adiantado feita pelo médico uma semana antes. Nada disso seria realmente necessário pois o hotel não havia programado nenhum evento especial para o *reveillon* e, com isso, já previra um baixíssimo índice de ocupação.

Com a chave do quarto em suas mãos, Alberto retornou ao carro, pegou sua valise no porta-malas e o cesto com a criança. Tomando muito cuidado para não ser notado por ninguém, ele correu para o quarto. Era imprescindível que ele não fosse visto com a criança para evitar qualquer tipo de suspeita. Ao chegar no quarto, o médico improvisou um berço, colocando o cesto com o bebê sobre duas cadeiras encostadas em uma das paredes do quarto. Depois desabou sobre a cama e acabou adormecendo entre pensamentos confusos sobre os mais recentes acontecimentos. Um pouco de descanso era

indispensável para que o médico pudesse dar continuidade ao que intencionava fazer dali para frente.

Algumas horas depois um leve choro despertou o médico. Estava na hora de alimentar a pequena Isolda. Enquanto preparava a mamadeira com os ingredientes previamente selecionados que ele levava em sua valise Alberto sussurrava para a criança:

– Fique tranquila! Ninguém vai lhe fazer mal! – disse Alberto – Eu estou fazendo tudo conforme o desejo de sua mãe.

A criança ficou silenciosa por um breve momento e depois tornou a chorar. Mas aquele era um choro normal de alguém que estava faminto e não tinha outra forma de manifestar a sua fome.

Satisfeita a necessidade, o bebê voltou a dormir serenamente. O médico desabou na cama sem nem mesmo largar a mamadeira vazia que estava em suas mãos.

Por volta das nove horas da manhã Alberto acordou, organizou suas coisas e foi tomar um café ligeiro no pequeno restaurante do hotel. Antes de sair, certificou-se de que a criança ainda dormia como um anjinho.

– Fique tranquila. – sussurrou o médico – Eu já volto!

Tomado o café e fechada a conta do hotel, Alberto recolheu suas coisas e saiu sorrateiramente com o cesto, partindo com a criança para um outro destino.

Ao passar próximo a uma caixa de correio, existente na entrada do hotel, o médico parou seu carro e tirou do porta-luvas alguns papéis e um envelope já previamente selado. Depois de fazer uma breve revisão no seu Pedido de Demissão endereçado ao Hospital Central, ele o assinou, fechou o envelope e o depositou na caixa de correio.

– Até que enfim terminei o compromisso que assumi com a direção do hospital. – pensou o médico – Eu lhes prometi que acompanharia o caso de Estela, enquanto ela estivesse em tratamento, mas depois eu procuraria um outro local para trabalhar. Eu já não suportava mais aquele lugar!

Agora restava a ele dar prosseguimento a um plano meticulosamente elaborado em conjunto com Estela. Na verdade quase todo o plano fora arquitetado pela falecida – desde a simulação de uma

misteriosa contaminação, que tornaria a vigilância mais difícil e facilitaria a retirada da criança do hospital, até o que deveria ser feito nos primeiros anos de vida de sua filha. Alberto era a única pessoa a acreditar na história de Estela. Ele ficou comovido com o sofrimento de Estela e concordou em executar aquele plano audaz e insólito.

A concordância de todos os membros de sua equipe com o destino que o médico daria à criança era a maior garantia de que ele não viria a ser incriminado por sequestro. Essa concordância foi firmada com a assinatura de todos no prontuário que Alberto havia deixado no hospital no dia anterior. Desta forma, todos admitiram oficialmente a morte da mãe e também da filha durante o parto.

Agora ele estava livre para cumprir a promessa que havia feito a Estela. Algo bem mais prazeroso do que tudo o que fizera até então. Por precaução, o médico não informou a ninguém o paradeiro que daria à pequena Isolda. Ele agiria conforme havia combinado com Estela e faria todo o possível para não ser facilmente encontrado. Sempre haveria a possibilidade de alguém romper o acordo e denunciá-lo. – Alberto sabia disso muito bem.

Seu primeiro destino seria o antigo sítio, localizado em uma pequena cidade distante a mais de 300 km da capital. Tratava-se de um imóvel, cuja posse Alberto havia transferido para o seu caseiro há alguns anos, logo após a morte de sua esposa. Um justo reconhecimento por todo o apoio prestado pelo caseiro e esposa que tomaram conta de seu sítio há tantos anos, durante o longo tempo em que a esposa de Alberto lá permanecera enferma antes de falecer.

O sítio seria um bom ponto de partida para começar uma vida nova juntamente com a sua “netinha”. Era um local improvável para uma possível busca, principalmente pelos fatos de que o imóvel não mais lhe pertencia oficialmente há mais de cinco anos e de que nenhum de seus conhecidos sabia da sua existência.

Como a grande maioria das pessoas ainda se recuperava da ressaca da festa da passagem do milênio, a estrada estava praticamente vazia. Havia um ou outro caminhão circulando. De vez em quando, o médico ultrapassava um ônibus transportando uns poucos passageiros que não conseguiram chegar a tempo de passar a virada do ano com seus entes queridos.

Enquanto dirigia pela estrada asfaltada e bem sinalizada, Alberto se recordava de algumas das inúmeras conversas que tivera com a mãe da criança.

Veio-lhe à mente a imagem de Estela, ainda nos seus primeiros meses de gravidez, muito aflita com o que poderia acontecer com sua filha. Ela já sabia que sua saúde piorava a cada dia e que ela não duraria o tempo suficiente para cumprir suas obrigações de mãe. Seu maior temor era que na sua ausência, a criança virasse uma “co-baia de laboratório”, tal como ela vinha sendo tratada durante todo aquele tempo em que estava internada.

– Doutor, os visitantes me advertiram sobre tudo o que está acontecendo com meu corpo! – as palavras de Estela vinham à mente de Alberto como se ele as estivesse ouvindo naquele momento – Para que eu pudesse gerar uma criança com um Q.I. tão elevado seria necessário que o meu metabolismo fosse profundamente alterado.

– Essa alteração resultaria na completa degradação do meu organismo. – Estela continuava a sua explicação – Mas eles me garantiram que eu conseguirei me manter viva até completar a gestação. Depois disso nada poderia ser previsto.

– Doutor, eu temo pelo futuro dessa pobre criança. O que será de minha filhinha sem ter alguém que cuide dela?

– Fique tranquila! Minha “netinha” não ficará desamparada. Se você não puder, eu mesmo cuidarei dela! – afirmou categoricamente o Dr. Alberto – Você tem a minha palavra!

– Obrigado doutor! Na verdade, eu tenho certeza absoluta de que o senhor cuidará muito bem da minha filhinha! – Estela respondeu sorrindo para o médico – Assim eu poderei morrer em paz!

Essas últimas palavras de Estela ainda ecoavam na memória de Alberto, como que para renovar a promessa feita à professora.

Agora, mais do que nunca, era a hora de colocar em prática o compromisso assumido. Ele sabia disso e estava dando os seus primeiros passos neste caminho. Eu sei que não será fácil, mas farei todo o possível para não desapontar sua mãe! – pensou Alberto ao olhar pelo espelho retrovisor para o cesto onde estava a criança.

A visão familiar da estrada de acesso ao sítio trouxe o médico

de volta ao presente. Havia uma infinidade de providências que deveriam ser tomadas, desde conseguir um berço de verdade para a pequena Isolda até encontrar um emprego para garantir o sustento dos dois. Mas todos esses problemas seriam resolvidos ao seu tempo. Agora era hora de matar saudades daquele local aprazível e das pessoas que ali moravam. Todo o resto poderia esperar um pouco mais.

Uma explicação bem simples, tal como a adoção de uma criança órfã sem nenhum parente com quem contar, seria mais do que suficiente para justificar a sua chegada ao sítio acompanhado de um bebê recém-nascido.

Aquela gente humilde e de boa vontade que ali morava o ajudaria a cuidar da criança. – Alberto estava certo disso.

## CAPÍTULO 3

---

### O SÍTIO

ALBERTO SAIU DA ESTRADA ASFALTADA e pegou uma pequena trilha de terra. Era curioso como nada mudara naquele local. – surpreendeu-se o médico.

.....